

aut

E os "progressistas" fazem o seu trabalho

"Brasileiras e brasileiros", como diria o presidente Sarney não é brincadeira a campanha articulada pela ala "progressista" do PMDB, coadjuvada pelo PDT, PT, PC's e similares, para assaltar a Assembléia Nacional Constituinte e produzir a carta dos seus sonhos. Na co-liderança desse golpe de mão destaca-se, sem brilho mas com pertinência, a bancada fluminense desses partidos. A afirmação equilibrada do relator da Comissão de Sistematização da Constituinte, Bernardo Cabral, de que há propostas reformuláveis nos relatórios das comissões já aprovados porque não representam o pensamento da maioria constituinte, encolerizou a "subversão legal" e a esquerda, que agora só pensam em desestabilizar o deputado amazonense.

Ao lado de José Genoíno (da pesada ideológica), do senador Bisol (cultor da legislação soviética) e de Aldo Arantes (antigo presidente da UNE), os representantes fluminenses dos partidos radicais têm exercido papel relevante no processo de estatização absoluta e socialização progressiva do País, através da feitura de uma Constituição "fechada". Os pedetistas do Rio, defensores disciplinados do nazionalismo brizolista, têm encontrado muita compreensão nos demais parlamentares "progressistas" quanto à questão do mandato do presidente Sarney, ponto sensível no PDT na defesa do sonho do capo Leonel Brizola de ser eleito presidente — de preferência definitivo — deste sofrido País. Até mesmo a deputada e usineira pernambucana Cristina Tavares, tão rígida em suas posições, tem-se mostrado flexível em relação ao calendário eleitoral do pedetismo. Na opinião da deputada Sandra Cavalcanti, as esquerdas estão "esquentando os tambores" para uma campanha ensurdecadora que visaria aprovar na futura Constituição alguns pontos que lhes parecem indispensáveis à conquista das suas metas. Os parlamentares fluminenses dos partidos "progressistas" estão afiando seus punhais para as refregas que virão por aí. Para eles, a Constituição em preparo não será aquela imaginada pelo venerando senador fluminense Afonso Arinos de Mello Franco, mas alguma coisa mais próxima daqueles manifestos que os radicais sabem fazer tão bem, e que ignoram como inexequíveis quando tomam o poder.

O senador Afonso Arinos pensou na futura Constituição como uma peça "inspiradora" para o mundo. Pelo andar da carruagem, o mais provável é que nossa Lei Magna vire mesmo uma coleção infinita de artigos (os mais otimistas falam em 500, os mais experientes temem que o documento mais pareça uma lista telefônica, quando pronto), no figurino lamuriendo de uma "carta de reivindicações", onde cada parágrafo começará com expressões do tipo "cabe ao Estado", "é reservado ao Estado", "o Estado intervirá" ou "o Estado participará". Tudo naturalmente aprovado em clima emocional, com patriotadas nacionalistas, desatredidas

na década de 50, mas que ainda pegam em algumas cabeças. Probleminhas do dia-a-dia seriam regidos pela Constituição um elefante-branco formidável e casuístico — derramada mas incapaz de resolver as mínimas questões. A Lei Magna que os fanáticos do "progressismo" irracional pretendem aprovar ficará muito parecida com o Estatuto dos Funcionários Públicos Cíveis da União, porque vai transformar muitos cidadãos em "barnabés" e poucos em "marajás", regendo a todos. É o admirável mundo novo, versão tupiniquim.

O festival de besteiras que assola a Constituinte é praticamente ilimitado. O Diário da Constituinte, que ouvintes e telespectadores são obrigados a ouvir e a ver diariamente, podia ser menos simpático aos "progressistas" (porque eles são, afinal, apenas uma parte da Constituinte), se no seu conselho-editorial não estivesse o deputado-galã Roberto D'Ávila. Ele próprio diz que nunca assistiu a um só programa porque chega tarde em casa, o que é uma sorte. O Diário devia ser uma prestação de contas eficiente, agradável e isenta. Em vez disso, distribui espaços com parcimônia sutil, destacando jeitosamente a atuação dos moços "avançados" e o apelo popular de suas propostas. A cobertura do "progressismo fluminense" está ali de esquerda nenhum botar defeito.

GUERRA DOS CEM DIAS

Nunca se viu assessor de governo dizer que a situação vai mal, mas o secretário de Comunicação Social do governo Moreira Franco, o ex-colunista social Ricardo Boechat, não precisava exagerar, ainda que para apresentar serviço. Em entrevista esta semana, ele disse que as promessas da campanha de Moreira estão sendo cumpridas, mas parte considerável da população fluminense pensa de maneira diferente. Prova disso: o mais popular programa de rádio do Estado (Haroldo de Andrade), do qual Boechat participa como debatedor uma vez por semana, fez pesquisa junto a mais de 600 ouvintes sobre o assunto e obteve respostas expressivas. É possível que haja mais polícia nas ruas, mas a questão da segurança é tão ruim quanto antes, e talvez esteja mesmo um pouco pior, segundo 70% dos consultados.

Essa é uma opinião que se pode recolher na rua e em toda parte, junto ao homem do povo. O medo continua, as mortes violentas são mais frequentes, o perigo de assalto é o mesmo, as famílias vivem tão assustadas quanto nos tempos tenebrosos do governo Brizola. O secretário e ex-colunista Boechat pode verificar por si mesmo, andando à noite nas ruas da Zona Norte, tomando os ônibus "quentões" que atravessam a cidade, dando uma volta pelas calçadas da Central do Brasil a qualquer hora do dia. A coisa continua muito feia. No ar refrigerado dos gabinetes e dos restaurantes, no entanto, a impressão é muito mais amena. (N.M.).